



## **INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM ADOLESCENTES: GRUPOS DE ESCUTA SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS E A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

### **Área Temática: Saúde**

Daniela Centenaro Levandowski (Coordenação da Ação de Extensão)

Daniela Centenaro Levandowski<sup>1</sup>, Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira, Alexandre Almeida, Iulla Portillo Sancho, Clara Guterres Grassi<sup>2</sup>

**Palavras-chave: Adolescência, sexualidade, relações amorosas, intervenção psicossocial.**

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de Psicologia, UFCSPA, Coordenadora do projeto de extensão, [danielal@ufcspa.edu.br](mailto:danielal@ufcspa.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de Psicologia, UFCSPA; Doutor em Linguística, Professor do Departamento de Educação e Informação em Saúde, UFCSPA; Acadêmica do Curso de Psicologia, Bolsista de Extensão, UFCSPA; Acadêmica do Curso de Psicologia, Extensionista voluntária, UFCSPA

**Resumo:** As relações amorosas e a sexualidade são fenômenos típicos do desenvolvimento adolescente. Entretanto, existe uma carência de intervenções com enfoque ampliado sobre estes fenômenos nessa faixa etária, para além da prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis. No presente projeto objetivou-se elaborar, implementar e avaliar uma intervenção psicossocial visando à promoção de saúde nas relações amorosas e na sexualidade de adolescentes. Essa foi implementada em uma escola de Porto Alegre situada no Distrito Docente-Assistencial da UFCSPA. Foram realizados quatro encontros semanais de, aproximadamente, 1h30 de duração, com atividades dirigidas a 12 adolescentes do sexo feminino (13 a 15 anos). As atividades foram elaboradas de acordo com as demandas das adolescentes, investigadas por meio de um questionário anônimo aplicado no primeiro contato com elas. Foram realizadas discussões sobre os mitos e verdades relacionados à saúde sexual e reprodutiva e sobre casos e situações que abordavam as implicações das relações amorosas (ciúme, traição, relação com a família). Também foram elaborados cartazes para a discussão das questões de gênero nos relacionamentos amorosos e exibidos trechos de vídeos para discutir a iniciação sexual. As adolescentes demonstraram tanto dúvidas em relação aos aspectos trabalhados, como também consciência das problemáticas envolvidas nos mesmos. Com essas atividades, foi gerado um espaço de escuta e reflexão sobre a complexidade das relações amorosas e da sexualidade nessa etapa, como tarefas fundamentais para a saúde e a organização da identidade dos adolescentes. Pretende-se dar continuidade à atividade com um grupo de adolescentes do sexo masculino.

### **Contexto da Ação**

O estabelecimento de relações amorosas na adolescência é um fenômeno típico do desenvolvimento (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Entretanto, o conhecimento da dinâmica das relações amorosas dos adolescentes ainda é escasso no Brasil. O que se conhece até o momento acerca desse fenômeno é proveniente de estudos norte-americanos e canadenses. A partir desses, evidencia-se um certo padrão de desenvolvimento das relações amorosas, que se inicia com o estabelecimento de amizades com pessoas do mesmo sexo (CONNOLLY, CRAIG, GOLDBERGAND, PEPLER, 2004). Já na adolescência há uma mistura de gêneros nos círculos de amizades e os relacionamentos tornam-se mais íntimos (GEMBECK, 2002). Nessas interações mistas, os adolescentes podem se sentir confortáveis e dispostos a iniciar novas amizades e, a partir delas, os relacionamentos amorosos (CONNOLLY et al., 2004). A convivência em grupos de interações mistas, somada ao desenvolvimento físico e à emergência de desejos sexuais, conduz à atração romântica. Durante essa fase de grupos mistos, pode se manifestar o início das relações sexuais (SHULMAN, SNEIFFGE-KRENKE, 2001).

Muitos estudos buscam compreender e integrar a construção das relações amorosas nessa etapa a problemáticas relativas à sexualidade e às vivências adolescentes. São características da fase as dúvidas e descobertas sobre a identidade e o mundo. É também neste momento que os adolescentes se deparam com problemas relativos à descoberta da sua sexualidade (APF, 2003). Esta envolve mais do que os componentes biológicos, englobando também os afetos e a erotização do corpo, o prazer e os cuidados através deste (PREDEBON, 2002). No Brasil, a idade média da primeira relação sexual é de 15 anos. Entretanto, não são encontrados dados relacionados à idade do primeiro beijo ou da primeira ocorrência

do “ficar”, que poderiam ser consideradas as manifestações amorosas iniciais dos adolescentes, precedendo a iniciação sexual (HEILBORN et al., 2008).

Os relacionamentos amorosos são vistos pelos adolescentes como relações muito importantes e influentes (ADAMS, LAURSEN, WILDER, 2001). Embora possam se beneficiar dessas relações no que tange à autoestima, popularidade e segurança, também podem enfrentar alguns desafios, como por exemplo, conflitos e o próprio exercício da sexualidade (CREASEY, HESSON-MCINNIS, 2001). Contudo, as intervenções dirigidas para esse público, no contexto nacional, tendem a focalizar a prevenção da gestação (ALTMANN, 2007; SAAVEDRA, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2010) e de DST's (por exemplo, CAMARGO, FERRARI, 2009), enfatizando a sexualidade e a prevenção de comportamentos de risco (ROMERO, MEDEIROS, VITALE, WEHBA, 2007; SOARES, AMARAL, SILVA, SILVA, 2008; SOUZA, BRUNINI, ALMEIDA, MUNARI, 2007; VILLELA, DORETO, 2006). Tais intervenções algumas vezes são organizadas em formato de oficinas, para grupos de adolescentes de ambos os sexos (MAHEIRIE et al., 2005). As atividades, em grande parte, são realizadas de forma dinâmica, usando como recursos situações, reflexões, verbalizações de experiências vividas e dramatizações, e priorizando o aprendizado e a troca de experiências (SILVEIRA, SOARES, VENCATO, 2008; SOUZA et al., 2007). A escola tem sido escolhida como local privilegiado para tal (SILVEIRA et al., 2008). Entretanto, percebe-se a falta de intervenções que abordem aspectos mais amplos e igualmente relevantes da sexualidade, das relações amorosas e da adolescência, de forma integrada. Assim, esse projeto de extensão objetivou planejar, implementar e avaliar uma intervenção psicossocial para promover a reflexão e a compreensão das relações amorosas e da sexualidade na adolescência, revelando sua complexidade a partir dos próprios sujeitos.

#### **Detalhamento das Atividades**

Para atingir os objetivos propostos, inicialmente foi apresentada a proposta de intervenção aos alunos de oitava série da Escola Municipal João Goulart, localizada em Porto Alegre, no DDA da UFCSPA. Após a aceitação da Direção da escola, agendou-se horário para a divulgação do projeto aos alunos. Primeiramente, aplicou-se um questionário anônimo, elaborado com base em instrumento empregado por Levandowski e Wagner (2010), para avaliar as principais demandas do grupo acerca do tema. Vinte alunos demonstraram interesse em participar da intervenção (11 do sexo feminino e 9 do sexo masculino). Foram disponibilizadas, então, as autorizações a serem assinadas pelos responsáveis. Optou-se por separar os adolescentes por sexo, para que se sentissem mais à vontade. Assim, o primeiro grupo foi composto por 12 meninas, de 13 a 15 anos. Foram realizados quatro encontros de 1h30min cada, iniciados em maio de 2013, tendo como tema principal, respectivamente, mitos e verdade sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST's), as relações amorosas atuais e suas implicações, questões de gênero nas relações amorosas e familiares e a iniciação sexual.

A intervenção iniciou com uma dinâmica de apresentação, em roda, em que cada participante, além de se apresentar, repetia tudo o que havia sido falado pelas colegas anteriores. Em um segundo momento, cada uma das participantes retirou uma ficha de dentro de uma caixa fechada. Essa ficha continha uma afirmação *verdadeira ou falsa* sobre a sexualidade, mais especificamente, sobre as DST's, como por exemplo: *"Os sinais de uma DST podem aparecer em outras regiões do corpo"; "A tabelinha é um método seguro"; "Quando o parceiro faz o 'coito interrompido', a menina não corre o risco de engravidar"; "Quando os dois parceiros têm AIDS, eles não precisam usar camisinha"*. A afirmativa retirada foi lida em voz

alta para o grupo. Após, a participante expressava a sua opinião sobre a mesma, discutindo-se cada mito/verdade selecionado. Percebeu-se que, para a maioria das participantes, a afirmação *“Quando os dois parceiros têm AIDS, eles não precisam usar camisinha”* foi considerada verdadeira. Além disso, o *“coito interrompido”* também era considerado um método completamente seguro por elas.

No segundo encontro foi proposta a temática *“namoro”*, mas assuntos como traição, ciúmes, *“casos e fidadas”* também foram abordados. As participantes foram dispostas em um círculo. Iniciou-se a dinâmica distribuindo entre elas histórias em quadrinhos ou casos curtos e fictícios sobre o tema, como por exemplo: 1) *“Eu e eu namorado temos uma relação firme. Somos muito companheiros e nos divertimos juntos. Porém, no final de semana passado, ele foi a uma festa sozinho e minha amiga o viu beijando outra menina. Ele disse que se arrependeu e desculpou-se. O que posso fazer?”*; 2) *“Meu namorado é um ótimo companheiro, porém tem muitas amigas. Essa intimidade que ele tem, principalmente com a melhor amiga, me deixa com muito ciúme e brigamos sempre por isso. Ele diz que são só amigos e mais nada, mas eu não consigo me controlar e quero que ele pare de falar com as amigas. Estou agindo certo? O que posso fazer para tentar amenizar essa situação?”*. Após a leitura, os casos foram discutidos pelo grupo.

No terceiro encontro, as adolescentes foram divididas em dois grupos. Foi proposta a confecção de dois cartazes por grupo: um contendo as vantagens de ser mulher/homem e, o outro, as desvantagens. Foi solicitado às participantes que abordassem vantagens e desvantagens em todos os âmbitos, principalmente o papel de cada sexo nas relações amorosas e familiares. Para tanto, foram disponibilizadas revistas, canetinhas, tesoura e cola. O grupo responsável pelas vantagens e desvantagens de ser mulher rapidamente iniciou a discussão, demorando mais tempo para confeccionar seus cartazes. O outro grupo teve mais dificuldade para entender a proposta e se mostrou entediado e reticente frente à tarefa. Após a montagem dos cartazes, foi organizado um círculo para a apresentação, encontrando-se os seguintes resultados:

	<b>Vantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
<b>Mulher</b>	<i>“Fazer compras, e as mulheres são profissionais nisso”; “Fazer academia”; “Se estragar alguma coisa em casa, o homem vai arrumar”; “Ir ao salão de beleza”; “Na ‘hora H’ quem toma atitude é o homem”.</i>	<i>“Temos que agüentar 9 meses de gravidez”; “Nós mulheres usamos maquiagem para realçar o rosto e ficar bonita”; “Se a mulher é funkeira ou usa bermudas curtas, ela é julgada”; “Além de chegar cansada do trabalho, temos que fazer comida para o marido”; “A mulher se apaixona muito rápido e se ilude”; “Se a mulher ficar com mais de um na festa, ela é julgada”</i>
<b>Homem</b>	<i>“Os guris podem ficar com várias, mas para eles é normal”; “Não faz nada em casa, e pra ele é bom, ficar em casa só olhando televisão”; “Homem não menstrua, não se depila (alguns), não ganham filhos, não precisam se maquiar, não precisam se cuidar como fazer a sobrancelha, fazer as unhas e etc”.</i>	<i>“Homem não presta, é tudo igual”; “Só prestam para dormir, comer, jogar futebol”; “Ajuda só quando quer a mulher e às vezes é ruim para sua namorada ou mulher”.</i>

Percebeu-se nas participantes a consciência da existência de certa rigidez relativa aos papéis de gênero, assim como das diferenças de gênero. Elas mostraram crítica e contrariedade frente à rigidez e imobilização. Por outro lado, também demonstraram uma acomodação, percebida em declarações como *“Não adianta, isso não vai mudar”*, ou *“não entendo por que lá em casa tenho que lavar louça, limpar a casa e fazer comida, enquanto meu irmão fica no computador. Mas, se eu não faço, ele também não faz. Vai ser sempre assim, porque eu não vou*

*deixar a casa suja, vou lá e limpo sozinha, mesmo sabendo que ele poderia estar ajudando".*

Por fim, no quarto encontro, apesar de se haver constatado no levantamento inicial que praticamente a metade do grupo já havia tido sua primeira relação sexual, considerou-se o tema oportuno. Foram exibidos vídeos de curta duração contendo depoimentos sobre diferentes "primeiras vezes", com seus possíveis imprevistos. Após, discutiu-se sobre os medos e preocupações das participantes, que abarcaram a identificação do "momento certo" para a iniciação e o medo de os pais descobrirem que elas não eram mais virgens.

Embora um encontro de encerramento estivesse previsto, as alunas não compareceram na data agendada. No momento, está sendo feito o reagendamento desse encontro e organizado o grupo com os adolescentes masculinos.

### **Análise e Discussão**

A atividade de apresentação foi produtiva, por ser uma forma de todas as participantes se conhecerem melhor e de maneira descontraída. Pela discussão de mitos/verdades, foi possível identificar e desfazer conceitos errôneos das adolescentes, que geravam comportamentos de risco em relação à saúde sexual e reprodutiva. Considerou-se que esse encontro foi bem aceito pelas participantes, que, inclusive, deram sugestões de temas e atividades.

A dinâmica realizada no segundo encontro também foi avaliada satisfatoriamente. Todos os casos foram bastante discutidos pelo grupo. Algumas vezes as participantes discordaram e usaram diversos argumentos na defesa de seus pontos de vista. Nesse encontro pode-se constatar que o ciúme causado por essas novas formas de relacionamento, como o ficar, é um tema importante para análise e intervenção junto às adolescentes, pelas suas repercussões na autoestima e nos próprios relacionamentos amorosos por elas estabelecidos. Além disso, percebeu-se que as adolescentes se sentiram à vontade no grupo, pois se autorevelaram, compartilhando seus sentimentos, dúvidas e conflitos com os familiares motivados por suas experiências amorosas.

Já no terceiro encontro, considera-se que, embora a atividade tenha sido válida, poderia sofrer modificações para uma nova edição do projeto, pela dificuldade apresentada pelo grupo que se responsabilizou pelo cartaz das vantagens e desvantagens masculinas. Quanto ao quarto encontro, com foco na "primeira vez", interessante observar que, apesar de demonstrarem curiosidade frente ao sexo, a grande maioria das participantes mostrou-se decidida a esperar pela pessoa e momento certos, contrariando o estereótipo de que os adolescentes podem ser inconsequentes frente à sexualidade. Pela boa participação das adolescentes, avaliou-se satisfatoriamente o encontro.

### **Considerações Finais**

Embora não tenha sido possível realizar um fechamento das atividades e uma avaliação formal das adolescentes a respeito das mesmas, entende-se que a participação no grupo foi importante para elas, por estimular reflexões e a partilha de angústias, assim como para corrigir informações incorretas ou mesmo lacunas de conhecimento apresentadas. De fato, as adolescentes demonstraram tanto dúvidas em relação aos aspectos trabalhados, como também consciência das problemáticas envolvidas nos mesmos. Assim, com o grupo, foi gerado um espaço de escuta e reflexão sobre a complexidade das relações amorosas e da sexualidade nessa etapa, contribuindo para a promoção da saúde e da identidade das participantes.

### **Referências**



ADAMS, R. E.; LAURSEN, B.; WILDER, D. Characteristics of closeness in adolescent romantic relationships. *Journal of Adolescence*, v.24, n.3, p.353-363, 2001.

ALTMANN, H. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. *Estudos Feministas*, v.15, n.2, p.333-356, 2007.

APF. Associação para o Planejamento da Família. Disponível em: <http://netfeminina.sapo.pt/J43/120276.html>. 2003.

CAMARGO, B.; BOTELHO, L. J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Revista de Saúde Pública*, v.41, n.1, p.01-08, 2006.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.14, n.3, p.937-946, 2009.

CONOLLY, J. et al. Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, v.14, n.2, p.185-207, 2004.

CREASEY, G.; HESSON-MCINNIS, M. Affective responses, cognitive appraisals, and conflict tactics in late adolescent romantic relationships: associations with attachment orientations. *Journal of Counseling Psychology*, v.48, n.1, p.85-96, 2001.

GEMBECK, M. J. M. The development of romantic relationships and adaptations in the system of peer relationships. *Journal of Adolescence Health*, v.31, n.6, p.216-225, 2002.

HEILBORN, M. L. et al. Trajetórias sexuais de jovens brasileiros: da iniciação a uma possível gravidez. Em: Ministério da Saúde; Fundação Oswaldo Cruz, *Um olhar sobre o jovem no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, p.45-60, 2008.

MAHEIRIE, K.; URNAU, L. C.; VAVASSORI, M. B.; ORLANDI, R.; BAIERLE, R. E. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. *Psicologia em Estudo*, v.10, n.3, p.537-542, 2005.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W.; FELDMAN, R. *Desenvolvimento humano*. 8ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PREDEBON, J. C. F. Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. Em: Adriana Wagner (Org). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Rio de Janeiro: Vozes, p.159-171. 2002.

ROMERO, K. C. T.; MEDEIROS, É. H.; VITALLE, M. S. S.; WEHBA, J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v.53, n.1, p.14-19, 2007.

SAAVEDRA, L.; NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, S. Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. *Educação & Sociedade*, v.31, n.110, p.135-156, 2010.

SHULMAN, S.; SEIFFGE-KRENKE, I. Adolescent romance: between experience and relationships. *Journal of Adolescence*, v.24, n.3, p.417-428, 2001.

SOARES, S. M.; AMARAL, M. A.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A. B. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. *Revista da Escola Anna Nery de Enfermagem*, v.12, n.3, p.485-491, 2008.

SILVEIRA, L. M. O. B.; SOARES, S. C.; VENCATO, A. A. Sexualidade, adolescência e escola: Que contribuições a Psicologia pode fazer? *Revista Psicologia em Foco*, v.2, p.79-93, 2008.

SOUZA, M. M.; BRUNINI, S.; ALMEIDA, N. A. M.; MUNARI, D. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.60, n.1, p.102-105, 2007.

VILLELA, W. V.; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cadernos de Saúde Pública*, v.22, n.11, p.2467-2472, 2006.